

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE LETRAS

MÁTHERESIS



V I S E U • 2 0 0 0

AS ESTÂNCIAS FINAIS D'OS *LUSÍADAS* OU O “NUNCA OUVIDO CANTO” DE CAMÕES

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
(Universidade de Coimbra)

1. Como todas as epopeias de acentuado uso escolar, *Os Lusíadas* têm sido entendidos, ao longo dos tempos, como um mosaico de episódios de matizes muito diferentes quando não contraditórios entre si. O próprio quadro enunciativo do poema favorece a secção da matéria narrada de acordo com os diferentes níveis em que se estratifica (viagem à Índia, intriga mitológica e história de Portugal) ou segundo as coordenadas temático-estilísticas que a balizam: episódios trágicos e líricos como o de Inês de Castro ou o do Adamastor, épico-cavaleirescos como o dos Doze de Inglaterra, hagiográficos como o de S. Tomé, cómico-picarescos como o de Fernão Veloso ou mesmo anti-épicas como o do Velho do Restelo parecem coexistir mais num plano de diversidade e de complementaridade do que num registo de coerência orgânica.

Esta tendência parcelarizante pode naturalmente ser contrabalançada com leituras integradas dos citados episódios. Mesmo assim, e se exceptuarmos o trabalho de anotação e comentário pontual, paciente e discreto, desenvolvido por alguns comentaristas desde Faria e Sousa até Epifânio da Silva Dias, é inegável que as estâncias intersticiais — aquelas que não dão corpo a episódios globalmente delimitados — andam praticamente esquecidas.

E nem mesmo a circunstância de algumas delas se situarem em pontos absolutamente fulcrais tem obviado a esta situação de menor cuidado. É o que sucede concretamente com as treze estâncias que encerram o poema. Porque já não integram o episódio da Ilha dos Amores e também porque se situam num nível exterior à acção épica, este conjunto estrófico é muitas vezes tido como mais um excurso exortativo do poeta ao jovem rei, que as circunstâncias históricas, aliás, parecem explicar de forma imediata. E é justamente nesse plano que têm sido lidos os derradeiros acordes do canto camoniano, como se se tratasse de uma incrustação política de circunstância e o sentido estético do poema pudesse passar sem eles.